

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

**Numero 93**  
Assinaturas  
AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra da Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2350. Semestre, 1350 réis (fortes).  
PAGAMENTO ADIANTADO

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os arts. assignantes teem desconto de 30 por cento.  
NUMERO AVULSO, 30 REIS

**2.º Anno**

## A QUESTÃO CLERICAL

Jules Roche, continuando no seu excellento discurso, acabou de demonstrar, citando escriptos e palavras d'outros bispos francezes, o espirito anti-patriótico, anti-progressivo, anti-iscientifico, anti-democratico da Igreja romana. No mesmo discurso demonstrou que as associações religiosas, confrarias e irmandades de toda a casta, apostolados de toda a ordem, as chamadas sociedades de beneficencia:—irmãsinhas dos pobres, irmãsinhas dos velhos, irmãsinhas do diabo que as carregue—escolas para ensino primario—escolas da Divina Providencia, escolas do Coração de Maria, etc—são tudo capellinhas de caracter politico, exclusivamente politico, com um fim unico: manter a supremacia da Igreja em guerra aberta com o espirito da civilisação e do progresso.

Jules Roche descobre a rede d'essas associações, mostra que essa rede se estende por toda a França, rede temivel, de malhas apertadas, n'uma federação disciplinadissima, á qual preside de Roma directamente o Papa, e prova que a propaganda, a linguagem de todos esses conventiculos, sob tantas designações diversas federados, é sempre a mesma, ou no hospital ou no asylo, ou no collegio do rico ou na escola gratuita do pobre, ou na confraria do Apostolado ou na irmandade do Sacré Cœur, sempre a mesma, sempre esta: «Ódio ao poder civil, odio á liberdade, guerra a todos os processos de emancipar a consciencia humana.»  
E assim é. E Portugal, já por espirito imitador, já porque a conducta da Igreja é universalmente coherente e conforme, já porque a regra e a disciplina jesuitica é immutavel, vae na corrente da França, repetindo entre nós toda a temivel organização religiosa d'aquelle paiz.

«Eis, meus senhores, quaes são as obras, qual é o papel desempenhado, occulta e publicamente, pelos bispos francezes, por esses prelados que tiram das suas funções publicas um prestigio de que abusam para se pôrem em estado de revolta contra as leis do paiz e contra a patria á qual deveriam pertencer, por esses prelados que declaram que não teem senão um chefe e que esse chefe é o papa, por esses prelados que organisam essas conspirações permanentes, multiplicas, infinitas, contra a Republica, contra a sociedade moderna, contra o suffragio universal para o alterar, o corromper e opprimir. (Applausos prolongados na extrema esquerda.) (Jules Roche, discurso citado.)

No discurso pronunciado na camara franceza, pelo mesmo de-

putado, em 22 de dezembro de 1882, dizia o eloquente e illustre orador:

«É preciso não confundir duas coisas absolutamente distinctas: a liberdade religiosa e a Igreja.»

A religião é um sentimento individual, uma tendencia do espirito a procurar fóra da natureza a explicação da propria natureza e acima da humanidade a lei da humanidade. Qualquer que seja a opinião que se tenha sobre essa tentativa, é ella o uso do mais sagrado e do mais necessario dos direitos. Tocá-la, é um crime. Que cada um pense, fale e escreva com uma independencia sem limites sobre a origem e sobre o fim das coisas, que cada um forge deuses á suas vontades e lhes procure livremente sectarios; é esta a liberdade da religião, que não é senão um caso particular da liberdade de pensar.

A Igreja essa é um Estado, uma vasta sociedade dirigida por um poder politico organizado, um corpo politico com as suas leis proprias, com os seus funcionarios vigorosamente hierarchisados e d'uma dedicacão sem limites, com o seu orçamento de mil recursos, com as suas corporações arrecadantes absorvendo sempre e não rendendo nunca, com o seu soberano poderosissimo, cujo poder salta e é obedecido por cima das fronteiras; e esse formidavel poder está em contradicção irredutivel com os principios essenciaes da sociedade moderna. Ameaça-a e ataca-a, sem tréguas, em todos os pontos, aspirando abertamente a destrui-la, para reconquistar a dominação suprema que exerceu durante tantos seculos e que reivindica como o mais indiscutivel dos seus direitos. Esse poder é tanto mais perigoso quanto por mais tempo reinou entre nós, quanto mais profundamente penetrou as nossas instituções, os nossos costumes, os nossos usos e quanto, mesmo despojado dos temiveis privilegios materiaes e da autoridade que lhe vem da Concordata, ha de prolongar a sua influencia mental pelas leis da hereditariedade.»

Qual a maneira de manter a liberdade de religião, annullando a acção d'esse grande inimigo que se chama a Igreja?

Disse-o Jules Roche e já o dissémos nós aqui comparando a situação da primeira Republica franceza, relativamente á questão religiosa, e de varias republicas da America com a situação actual da França e das mesmas republicas.

Vimos como em França existiu plena liberdade religiosa com as leis da revolução, ficando ao mesmo tempo anniquilado o poder de Roma. Vimos como no Mexico e em outras republicas da America o partido clerical foi elemento de constantes desordens, guerras, perturbações de toda a ordem emquanto predominou e como n'essas republicas entrou a paz, a tranquillidade, a florescencia, a ordem progressiva logo que o mesmo partido foi vencido e subjugado.

Neste ponto é digno de menção especial o Mexico.

A guerra n'este paiz foi constante entre a influencia clerical,

herança triste da dominação hespanhola, e a aspiração democratica. A guerra entre os dois partidos tornou-se medonha a partir de 1852. O sangue correu em torrentes. Em 1857 o partido democrata, triumphante, promulgou a constituição de 4 de fevereiro, a mesma que ainda hoje vigora, pela qual foram extintas as congregações religiosas e nacionalisados os seus bens e decretada a separação da Igreja do Estado. Mais tarde, diz o sr. conde de S. Januario no seu livro já citado, foram tambem expulsas as irmãs da caridade.

Sobre as leis complementares da constituição de 1857, falaremos adiante.

O partido clerical não se deu por vencido e provocou novas e sangrentas revoltas. Impotente, porém, só por si para vencer o partido democrata invocou a intervenção estrangeira. Sempre o mesmo! Sempre o mesmo! Sempre pondo a patria abaixo dos proprios interesses!

Essa intervenção teve lugar em 1861, em virtude do tratado de 31 d'outubro do mesmo anno firmado em Londres entre a Hespanha, França e Inglaterra com o fim de estabelecer uma monarchia no Mexico e de regular a vida europeia, diziam elles.

Em consequencia d'esse tratado chegaram a Vera-Cruz, capital do Mexico, forças das tres nações europeas alliadas. Surgindo, porém, um desacordo entre os representantes das tres potencias, a Inglaterra retirou a sua esquadra e a guarnição que tinha em Vera-Cruz, e o general Prim, que commandava a divisão hespanhola, retirou-se com ella para Havana, emquanto as tropas francezas avançavam por Orisava, com as tropas mexicanas do partido clerical.

Muito pôde o espirito de liberdade quando se enraiza no coração d'um povo! Com factos historicos o attestam eloquentemente. Agora mesmo, que tudo treme com medo da Inglaterra, que todos affirmam o poder invencivel da raça anglo-saxonica, os Estados-Unidos são postos em cheque por um exercito semi-barbaro nas Filipinas, vendo-se obrigados a recorrer a meios torpes para adquirir alguns successos, e o Transwaal resiste heroicamente á Inglaterra.

Ponham ali os olhos os portuguezes. Apprendam ali a responder aos sophismas e chicanas d'esses bandoleiros politicos que todos os dias proclamam a necessidade de curvamos a cerviz ao poder estrangeiro, que todos os dias ameaçam a nação, quando o espirito democratico se ergue ameaçador, com a Inglaterra e a Hespanha.

Muito podémos nós em Al-

jubarrota. Muito podémos na India e em Africa. Muito podémos, sempre que tenhamos ideas e força d'animo para os afirmar e defender. Não são os tempos que mudam, como o attesta o Transwaal, como o attestam as Filipinas. Os homens é que mudam.

O Mexico foi em 1861 mais uma prova d'esta nossa affirmacão.

O general francez Laurencez e o general mexicano clerical Marques são derrotados logo no principio encontre pelo general mexicano Zuragosa, do partido democrata. Reforçados por uma divisão franceza do commando do general Forey conseguem, enfim, apoderar-se de Puebla, depois de mezes de gloriosos combates para os democratras. Assim continuou a guerra com alternativas até 1866. No Mexico estavam as melhores tropas e os melhores generaes francezes. O commandante em chefe do exercito inimigo era o celebre marçal Bazaine. Contudo, cinco annos resistem gloriosamente os democratras mexicanos á torpe colligação dos clericos com o estrangeiro. Não os anniquila nem o valor do numero nem a qualida de dos generaes e dos soldados que teem a combater. Tanto pôde o enthusiasmo pela liberdade, tanto pôde a crença no triumpho dos bons principios!

Em 1866, as complicações graves, que se dão na Europa, obrigam Napoleão a retirar as suas tropas do Mexico e este foi, assim o assignala a historia, o primeiro grande desastre da França. A sua politica e o seu exercito soffreram um profundo abalo e desprestigio com o insuccesso da campanha do Mexico.

Ficou lá sómente o pobre pateta do imperador Maximiliano, irmão do actual imperador d'Austria, imposto ao Mexico, pela reacção europeia, como imperador, em 1864.

Maximiliano tinha desembarcado, em Vera-Cruz, no dia 12 de junho de 1864. No meado de 1866 chegou a ordem de retirada para as tropas francezas. Maximiliano, vendo-se perdido, abdicou em 22 de outubro do mesmo anno, e tomou o caminho de Vera-Cruz para embarcar para a Europa. Em Orisava, porém, a ambição tentou-o de novo, e mudou de resolução. Tendo Bazaine embarcado com o resto das tropas francezas em 8 de março de 1867, Maximiliano, vencido, perseguido, aprisionado, era fuzilado no Cerco de las Campanas a 19 de junho do mesmo anno. No curto espaço de tres mezes fez-se todo o sonho de gloriola e de vaidade do ambicioso austriaco.

Junto com elle foram fuzila-

dos os generaes Miramon e Mejia, do partido clerical. Se ha fuzilamentos justos, o de Maximiliano foi um d'elles, incontestavelmente. Não se pôde, impunemente, levar o horror da guerra a um paiz, só pela vaidade de cingir uma coroa imperial.

Por incidencia, citaremos aqui um caso curioso. Todos os imperantes da Europa pediram a Juarez, general em chefe do exercito democrata e presidente da republica mexicana, o perdão de Maximiliano. Juarez não os atendeu. Então alguns d'elles lembraram-se de Victor Hugo e supplicaram ao grande poeta que intercedesse junto de Juarez. Victor Hugo accedeu logo. Juarez respondeu-lhe: «Chegou tarde o vosso pedido. Maximiliano já estava fuzilado. Senão, serieis vós a unica pessoa que eu teria atendido.»

Conhecido o temperamento e o caracter de Juarez ninguém duvidou da sinceridade da sua resposta.

Pois o homem, que teria salvo a vida do irmão do imperador d'Austria, não foi mais tarde atendido por este quando lhe pediu a vida do estudante Oberdank, condemnado á morte por um crime politico de consequencias bem inferiores ás do crime de Maximiliano.

Sempre os mesmos, estes torpes reaccionarios!

Juarez foi e é por elles apontado como um feroz algoz. Sobre a sorte de Maximiliano carpin, e vae carpindo ainda hoje, toda a canalha da reacção. Oberdank e tantos martyres, verdadeiros martyres da civilisação e do progresso, são completamente ignorados. Os algozes que os levam ao patibulo são engrandecidos e glorificados.

Tal e qual como a lenda do meigo Jesus, das verdades evangelicas, da santidade e redempção do christianismo, etc. Aposaram-se da historia, são elles, reaccionarios, que a vem escrevendo ha muitos seculos, excepção feita dos ultimos trinta annos, e, portanto, são elles que teem feito a opinião geral e dominante.

Para aggravamento dos males da humanidade!

Infelizmente, poucos são os que estudam e ainda menos os que pensam. É mais facil aproveitar os estudos já feitos, e bons ou maus, falsos ou verdadeiros, e dar curso ao pensamento dos outros, seja elle qual fór.

A besta humana ainda está muito visinha da animalidade primitiva. Comer, luxar, o luxo que provoca a luxuria não é o luxo que contenta o sentimento artistico, comer, luxar e luxuriar são ainda os seus unicos gosos, as suas exclusivas aspirações.

Morto Maximiliano, vencidos os clericais, firmou-se definitivamente a constituição republicana no Mexico. Como succede sempre nos partidos populares, levantaram-se divisões e odios entre os vencedores, o que ainda deu lugar a algumas luctas sangrentas, já de somenos importancia, entre os republicanos, divisões e odios habilmente ateados pelos reaccionarios. Mas foram de pouca dura porque todas as facções rivais da democracia repelleram o auxilio dos reaccionarios, acordando todas em manter as leis que aniquilavam a reacção.

Em 2 de maio de 1877 é eleito presidente da republica o illustre general, grande democrata e patriota, Porfirio Dias. E desde então até hoje, n'um largo periodo de 24 annos, nenhuma discordia veio perturbar a vida próspera, progressiva, opulenta da republica americana.

Ouçamos o que a tal respeito diz o sr. conde de S. Januario, insuspeito, insuspeitissimo no assumpto, como já dissémos:

«Posto que no Mexico tenham sido incessantes as vehementes agitações politicas, desde que se levantou o primeiro brado da independencia, e que a evolução politica d'este paiz, para assegurar as suas instituições liberaes, tenha sido mais laboriosa e prolongada do que na maioria das republicas irmãs, nem por isso devemos condemnar sem detido exame esta effervescencia revolucionaria.

A analyse philosophica da historia moderna do Mexico levar-nos-ia a largas considerações, que não comportam nem a indole nem as limitadas proporções d'esta memoria; entretanto diremos em resumo, que, condemnando todas as revoluções que só tiveram por estimulo, nas facções do partido liberal, ambições pessoais, rivalidades ou menos nobres paixões, não podemos desconhecer que os mais notaveis e talvez os mais sangrentos movimentos seguiram um objectivo e importaram uma evolução.

E' certo que este paiz, pelos transtornos e convulsões politicas que tem soffrido desde a independencia, e pela desconfiança que este estado anormal tem produzido, retrahindo os capitães, inutilizando milhares de braços e paralyndo a emigração, não tem podido desenvolver os seus elementos naturaes de riqueza, nem augmentado a produção com tanta largueza como se devia esperar; mas por outro lado, posto que á custa da dolorosos sacrificios, tem lançado as bases essenciaes da sua regeneração, a qual obterá definitivamente se houver bom senso da parte de governantes e governados.

O resultado do primeiro periodo de renhidas e prolongadas guerras foi a aquisição da independencia e a emancipação de uma tutela restrictiva, que já não convinha a um paiz que se considerava sufficientemente viril para se governar por si mesmo.

A independencia trouxe consigo a necessidade da regeneração politica, social e economica, para a organização da republica e para o seu adiantamento moral e material; e havendo divergencia capital de opiniões, porque de um lado germinava e procurava expansão a idéa nova, enquanto por outra parte, sob a influencia do clero, se pretendiam conservar instituições caducas, era inevitavel a lucta, lucta que se prolongou com importantes incidentes, como o da intervenção estrangeira e outros, e aonde o excesso das paixões partidarias conduziu infelizmente a lances cruéis e sanguinolentos.

Depois das conquistas que a nação tem feito no campo da independencia e da liberdade, consignando no seu codigo fundamental os principios mais adiantados das sociedades modernas e progressistas, não parece que novas revoluções de caracter grave venham agitar profundamente o paiz, e affecta-lo na sua elaboração util e progressiva.

A apreciação desapassionada e imparcial das condições actuaes do Mexico, faz nos suppôr que esta parte importante do territorio americano não está longe de entrar confiadamente e seguramente no caminho que, por prolongados e penosos sacrificios, tem aberto á sua prosperidade.

«Posto que no Mexico tenham sido incessantes as vehementes agitações politicas, desde que se levantou o primeiro brado da independencia, e que a evolução politica d'este paiz, para assegurar as suas instituições liberaes, tenha sido mais laboriosa e prolongada do que na maioria das republicas irmãs, nem por isso devemos condemnar sem detido exame esta effervescencia revolucionaria.

E entrou. O sr. conde de S. Januario previu bem, apesar das palavras acima terem sido escriptas poucos annos depois das grandes convulsões mexicanas, por isso que o relatório tem a data de 1 de dezembro de 1879.

Mas entrou porque foi VENCIDO O CLERO. Mas o clero, que queria conservar instituições caducas, no dizer do sr. conde de S. Januario, é que foi a causa, segundo o mesmo sr. conde, dos lances mais cruéis e sanguinolentos, das maiores discordias e mais notaveis luctas.

E o sr. conde de S. Januario, que estava no local dos acontecimentos, que podia examinar de perto os homens e as coisas, tem a favor da nossa these a formidavel garantia de não ser suspeito de jacobinismo.

Foi o clero a causa de terem corrido no Mexico torrentes de sangue, de terem sido arrasadas as suas cidades, talados os seus campos, mortos os seus filhos, mais illustes.

Só com o clero subjogado, vencido, annullado, o Mexico pôde gozar a larga paz e prosperidade de que vem gosando ha VINTE E QUATRO annos.

Este é o facto eloquentissimo.

Como esse já citámos o da primeira republica franceza, como esse citaremos ainda muitos outros.

Temos tempo e assumpto.

### Manifestação empalmada

Os influentes na vinda do bispo a Aveiro, para assistir á festa da Santa Joanna, puzeram no sabbado de noite musica na rua para irem fazer manifestação jesuitica em frente da residencia episcopal, em Sá. Conhecidos os intuitos, juntou-se o povo que acompanhou a musica e ao chegar perto da habitação do bispo rompeu n'uma estrondosa manifestação anti-reaccionario que deixou desnorteados os que tão paravelmente suppuzeram que em Aveiro ninguem se opporia aos seus intentos.

Em virtude d'isto, a musica teve de retroceder, percorrendo depois varias ruas sempre acompanhada d'uma multidão crescente de manifestantes que dispersou á porta do Theatro Lisbonense, até onde a acompanhara a musica.

Os promotores da serenata ficaram bigodeados, e o bispo deve ter ficado muito grato aos seus amigos pela manifestação de sympathia que lhe prepararam.

### Cartas d'Algures

17 DE MAIO.

D. Miguel levantou forcas e organizou alçadas porque encontrou deante de si resistencias violentas. Contra D. Miguel pegou-se em armas. D. Miguel defrontou-se com exercitos revolucionarios. D. Miguel foi ameaçado sé-

riamente e sériamente combatido com as armas na mão.

Queremos com isto justificar os seus crimes? Queremos com isto afirmar que foi inutil o glorioso movimento liberal?

Não. Queremos mostrar e provar que não se pôde exaltar a situação presente, relativamente á odiosa situação creada por D. Miguel, nem d'esta tirar argumentos favoraveis áquella. Queremos mostrar e provar que, ao contrario do que se pretende, guardadas as differenças das circunstancias e dos tempos, o absolutismo de hoje senão é maior não é em nada inferior ao absolutista miguelista. Queremos accentuar a nossa sincera indignação contra os que se atrevem a falar nas liberdades actuaes.

Não temos força para impedir o absolutismo manso em que vivemos? Somos obrigados a aceitar-lo? Pois resignemo-nos, pois aceitemo-lo, se pretendem. Mas não sejamos vis, ao menos. Sejamos covardes, pusillanimes, poltrões, mas conservemos um certo decôr no meio d'essa covardia.

Não digamos, nem consintamos que se diga, que temos liberdade. Não toleremos que se beije a mão d'aquelles que nos esbofeteiam. Não, que isso seria o cumulo da degradação.

Liberdade não temos. O que temos é absolutismo refinado e puro.

Mas você ainda fala com uma certa largueza! dirão alguns. Falo; mas não apoiado no meu direito. Este é que é o caso.

Uma coisa é o direito, outra coisa é a tolerancia. Eu não quero tolerancias. Eu quero direitos. Ora direitos ninguem n'este paiz m'os admite. Se a lei me confere alguns, a lei é letra morta porque ninguem a zéla, ninguem a defende, ninguem a mantem.

Nada me affirma, nada me garante que falarei ámanhã com a mesma largueza com que falo hoje. Antes todas as probabilidades, dados os factos que diariamente todos nós presenciemos, antes todas as probabilidades são de que me mandarão calar a bocca de um momento para o outro. E se não m'a mandarem calar já é porque: em primeiro lugar, á parte a modestia, falo com certo goito; em segundo lugar porque os Veigas e os Pereiras da Cunha ainda não chegaram a Aveiro; em terceiro lugar porque a tiragem d'um semanario provinciano é tão pequena que não vale a pena correr o risco odioso de uma arbitrariedade para lhe impôr silencio. Mas tudo isto, somado, nem chega a dar tolerancia. E se a der eu não a quero. Isto é, quero-a, mas não me convem. Querem, quero-a. Se não temos força para impôr a liberdade, não sejamos uns fanfarrões tão ridiculos que respeitemos ainda a tolerancia. Mas a tolerancia pouco ou nada vale sem o direito.

O que nós queremos, o que nós todos devemos querer e pedir é o direito. E este não existe em Portugal, como, de resto, não existe nada da propria tolerancia.

Parece, á primeira vista, que não tem importancia isto de qualquer jornal apregoar liberdade em Portugal. Pois tem muita. Não deixemos lavrar esse veneno. Mais esse veneno! N'um paiz onde não ha cultura, onde a pre-

guiça do pensamento é um facto assustador e terrivel, é preciso estar sempre na brechia, abrindo os olhos aos preguiçosos, despertando a intelligencia dos incultos, contra todos os maus principios. Senão, correm mundo como verdades as mais prejudiciaes e odiosas mentiras.

Esse deve ser o papel principal da meia duzia de periodicos que no paiz combatem em prol da justiça. Já que somos tão poucos, aproveitemos bem as occasiões e redobremos de esforços.

Liberdade, nunca. Tolerancia tambem não. Em Portugal não ha liberdade. Em Portugal não ha tolerancia. A revolução liberal tem todas as nossas sympathias. Mas os fructos d'essa revolução estão quasi perdidos.

Regressámos aos tempos de D. Miguel.

Sem forcas? Porque não ha motivos para ellas. Simplesmente.

D. Miguel encontrou deante de si revoluções constantes. O periodo de 1820 a 1850 foi um periodo de revoluções perennes. D. Miguel defendia um throno, defendia uma classe, defendia uma epocha. Os seus crimes não se absolvem, não se justificam, não se attenuam, mas explicam-se. O que se passa actualmente nem sequer encontra explicações na historia. Com setenta annos de civilização temos direito a mais alguma coisa. E afinal temos menos.

Sim, menos. Dissémos e dizemos: D. Miguel I não organizaria alçadas nem levantaria forcas com a mansidão actual. D. Miguel II, reinando hoje, não nos daria menos liberdade que aquella que nós disfructamos.

Nenhum exagero de jacobinismo nos dicta estas palavras, mas uma convicção intima apoiada em factos do conhecimento de todos.

Ainda esta semana se deu na camara dos deputados um incidente que reforça essa nossa convicção. Em resposta a um deputado, que atacara um projecto do governo, respondeu o sr. Hintze Ribeiro que não queria deputados assim no partido regenerador.

Só em Portugal um presidente de conselho, um chefe de partido tem a audacia de proferir taes palavras. Parece que ninguem reparou n'ellas. Pois ellas exprimem bem a ignominia da nossa situação!

Ha muitos annos que eu escrevi n'esse periodico que os partidos em Portugal eram simples quadrilhas organizadas para explorar a nação em interesse proprio. O actual presidente do conselho confirmou officialmente as minhas palavras.

O governo não quer no parlamento deputados para discutir os negocios publicos, mas para estarem d'accordo com aquillo que elle quizer e fizer. O presidente do conselho não admite que, no partido que elle comanda, haja um homem que discorde publicamente das suas opiniões. O presidente do conselho, que disse na camara dos pares que o governo só tinha que receber as ordens do seu soberano e cumpri-las, é o mesmo presidente do conselho que diz na camara dos deputados que não consente no partido regenerador quem se não submetta ás suas opiniões e ás suas ordens.

Onde ficou o constitucionalismo?

O que vale o parlamentarismo?

O que significa a apregoada soberania popular?

Em que é que isto está acima do absolutismo franco de D. Miguel?

Pois isto não é o regimen descarado do governo pessoal com a irresponsabilidade das leis constitucionaes?

Para que servem estas leis senão, unica e exclusivamente, para manter os criminosos á sombra d'uma hypocrisia com que a falta do caracter e da cultura nacional se conforma?

Por mim, protestarei sempre contra uma tal situação.

Não serei eu que me deixe ir na corrente de *chantage* de certos especuladores ignobeis.

A. B.

### EM AVEIRO

Em officio assignado pelo sr. João da Maia Romão, professor jubilado do lyceu d'esta cidade e presidente da benemerita e patriótica commissão que ergueu o monumento ao grande tribuno José Estevão, é-nos communicado que o sr. dr. Alvaro de Moura, presidente da camara municipal d'Aveiro, propoz na reunião publica realisada na ultima segunda-feira no Theatro Aveirense, e foi approvedo no meio dos maiores applausos, que a assembleia felicitasse o redactor d'este semanario pela campanha por elle mantida contra a reacção religiosa.

O nosso presado collega O Norte, noticiando o facto, acompanha os liberaes d'Aveiro nas suas felicitações.

Agradecemos a todos.

Satisfiz-nos vivamente a resolução tomada pela benemerita commissão do monumento a José Estevão. Foi tal a persistencia, a tenacidade, o patriotismo de que déram provas os illustres membros d'essa commissão no glorioso emprehendimento que levaram a cabo, que, estamos certos, não succederá com a Junta Liberal d'Aveiro, onde entrem elementos de tal tempera, o que succedeu com a mallograda União Liberal do Porto.

E assim deve ser para honra da liberdade e d'esta terra. Os filhos d'esta cidade constituem uma familia de dotes accentuados e caracteristicos no paiz. O valor d'esta raça tem-se affirmado sempre pela distincção physica e intellectual.

A gentileza do corpo, tão afamada nas nossas mulheres, juntou-se sempre a gentileza do espirito tantas vezes affirmada em epochas notaveis da nossa historia.

Se para os filhos d'esta terra tem algum valor o homem que combaten sempre e combaterá pelos principios do progresso e do aperfeiçoamento humano, sem pedir recompensas, nem, esperamolo, pedirá nunca, á politica, aos syndicatos, aos compadrios, a tudo isso que tem depravado e corrompido o caracter nacional, se este valor é attendivel na degradação geral do nosso tempo, ousamos recomendar vivamente aos nossos patriotas, aos filhos da nossa raça, aos irmãos do nosso sangue, que mantenham altivamente as tradições da nossa terra, essas tradições ainda hontem affirmadas no campo da batalha, na tribuna, na imprensa pelo glorioso José Estevão; as tradições de progresso, de liberdade, de civilização, que o grande aveirense, alma larga, coração generoso, espirito amplo, tão admiravelmente synthetisou.

Honrae-as, aveirenses!

Sêde inimigos acerrimos da reacção religiosa e politica.

# JUNTA LIBERAL

Defendei tenazmente a justiça, o direito, a liberdade, que é defender a família e a pátria, manter a paz e o amor.

A'vante pela democracia. A'vante pelo aperfeiçoamento e pela grandesa da humanidade. Por nós, ficaremos na nossa orientação e no nosso posto. Cada vez sentimos mais prazer na nossa coherencia, maior desejo de permanecer onde sempre estivemos, com maior satisfação se formos acompanhados, mas com a mesma coragem e persistencia se ficarmos sózinhos.

Ahi nos encontrareis, se de nós precisardes.

## FALLECIMENTO

Falleceu hontem n'esta cidade, pelas 5 e meia da tarde, victimada por uma longa enfermidade, a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Anna Candida de Mello, tia das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup> D. Julia e D. Georgina de Mello e do sr. dr. Joaquim de Mello Freitas.

A extincta era uma bondosa senhora que deixa fundas saudades em todos que a conheciam. O nosso cartão de condolencias a toda a familia enlutada.

## THEATRO LISBONENSE

Com grande aprazimento dos frequentadores tem continuado regularmente os espectaculos n'este Theatro.

No sabbado passado levaram o *Boccaccio*, e no domingo o *Santo Antonio*, peça muito do agrado, principalmente, do povo das nossas aldeias que acudiu em grande numero ao espectáculo.

Com a representação do *Processo do Raso* e da comedia *Não tem titulo*, quinta-feira ultima, parece ter creado novo alento o entusiasmo dos apreciadores da veia comico do actor Domingos, pois a concorrência a este espectáculo foi mais numerosa. E ninguém deu por mal passado o tempo, porque Domingos fez rir a bom rir.

Hontem fizeram *reprise* com a *Corça de Carlos Magno* em beneficio do cofre da Associação dos Bateleiros.

Hoje suppomos que é a *primière* da ha tanto tempo annunciada *Revista do Anão*, *A má lingua*. Se os calculos nos não fallam, a enchente deve ser completa.

Na proxima quinta-feira, 23 de maio, é o beneficio dos actores João Rego e Alberto Vianna, com a peça de grande espectáculo em 3 actos, a *Ave azul*. O papel de Vergamota é feito pelo actor Rego, e o de Tufemo pelo Alberto. O de rei Shamoko XXVII fa-lo o Santos, e Domingos o de Lourencino. Os beneficiados não podiam escolher melhor para o seu beneficio, pois a *Ave azul* é uma peça do agrado do publico aveirense que, decerto, não deixará perder a occasião de passar mais uma noite agradável no Theatro Lisbonense.

Pela nossa parte deixamos aos beneficiados uma enchente á cunha.

## Jayme Duarte Silva

ADVOGADO

R. DO SOL—AVEIRO

(92)

## FOLHETIM

### IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXVIII

—Não haverá, disse elle, em Ashby ou arredores algum *franklin saxão*, ou mesmo um campones abastado, que queira tomar o encargo de receber em sua casa um compatriota ferido até que lhe seja possível vestir a sua armadura? Não haverá um convento dotado por *saxões*? Ou não poderei eu ser transportado para Burton, onde teria a certeza de ser bem recebido pelo meu parente *Waltheoff*, abba-de de S. Witholdo?

Realizou-se na passada segunda-feira, pelas 8 horas da tarde, no Theatro Aveirense, uma reunião para deliberar sobre a oportunidade e organização d'uma Junta Liberal em Aveiro. Convocaram-na os membros sobreviventes da grande comissão da estatua a José Estevão, os srs. João da Maya Romão, Domingos José dos Santos Leite, Manuel Homem de Carvalho Leite, Manuel da Rocha, Anselmo Ferreira e José Joaquim Gonçalves da Caetana. O sr. Antonio de Souza, tambem membro da comissão do monumento, não assignou, não sabemos por que, a convocatória.

Em virtude da recusa do sr. João da Maya Romão, foi a presidencia d'esta reunião confiada ao sr. Domingos Leite que expoz á assembleia o fim que alli a reunia. As suas palavras foram bem recebidas, e a necessidade de organizar em Aveiro uma Junta Liberal foi reconhecida com entusiasmo, approvando a assembleia para base dos trabalhos o programma da Junta Liberal de Lisboa, que é do teor seguinte:

1.º A assembleia não quer associações religiosas, nem sem licença, nem com licença da auctoridade.

2.º A assembleia pugna tambem pela liberdade de imprensa e pela liberdade de reunião, já pelo valor em si d'estas garantias liberaes, já porque sem ellas não pôde a assembleia exercer com proveito publico a sua propaganda constitucional.

3.º Empenhará egualmente todos os seus esforços para ser respeitada a liberdade pessoal do cidadão, o mais sagrado de todos os direitos do homem, e a que todos os outros direitos servem apenas de garantia.

4.º Tambem reputa indispensavel a reorganização do ensino em todos os seus ramos, assentando sobre bases as mais liberaes.

Claro é que os principios delineados n'este programma são de alcance geral, e a garantia da sua applicação e efficacia está unicamente na cooperação harmonica de todas as Juntas Liberaes do paiz. Mas, por outro lado, ha problemas de natureza local que as Juntas podem resolver isoladamente, como, por exemplo, a criação de cursos livres, assentes em bases liberaes, para libertarem a mocidade dos perigos das escolas jesuiticas; o estabelecimento de cosinhas economicas, onde as classes indigentes encontrem os socorros que a decantada caridade dos conventos não fornece; n'uma palavra: a organização, sobre bases liberaes, de todos os meios de captação de que o ultramontanismo se serve.

Para a constituição da Junta, a

—Sem nenhuma duvida, respondeu Rebecca com um sorriso malencolico, o mais humilde d'esses albergues seria para vós uma residencia mais conveniente do que a morada de um judeu desprezado;

—todavia, *sir* cavalleiro, a não ser que dispenseis o vosso medico, não podeis mudar de alojamento. A nossa nação, como sabeis muito bem, conhece a arte de curar as feridas, ainda que não concorra para as produzir; e a nossa familia, em particular, possui segredos que lhe veem dos tempos de Salomão e de que vós já experimentastes os beneficos effeitos. Não ha entre os quatro mares da Inglaterra um nazareno... —perdão, *sir* cavalleiro —, um medico christão que vos ponha em estado de vestirdes o vosso cossolete dentro de um mez.

—E de quanto tempo precisas

escolha da assembleia cabiu nos promotores da reunião, a quem foram concedidos poderes amplos para a si aggregarem todos os elementos auxiliares que julgassem valiosos para consequção do fim a que a Junta se destinava.

A reacção, porém, sempre vigilante e encapotada, parece que conseguiu falar pela bocca de dois dos individuos que fizeram uso da palavra. Parece, não é uma affirmativa categorica. Parece, não é mesmo uma suposição offensiva, porque a. ex.<sup>a</sup> fallaram alto bastante para que todos os pudessem ouvir; e o que disseram, ficou dito.

A propaganda pelos comicios em nada podia servir aos progressos do liberalismo, porque a auctoridade vinha e prohibia-os. Recorrer aos manifestos? A policia apprehendia-os. Estabelecer cosinhas economicas? Mas isso só serviria para dar comer barato aos que tem pouco dinheiro. Fundar hospitaes onde as irmãs da caridade não tenham entrada? Mas a causa liberal que lucrava com isso? Quem lucrava eram os doentes que não morriam tanto ao desamparo, porque haveria mais camas para os receber. Protestos na rua? Mas vinha a força armada e espedeirava os protestantes. Francamente, não acredito, rematava sempre o sr. dr. João Cunha, ao passo que uma a uma ia formulando as interrogações a que respondia pela forma que acima se vê.

Se nada d'isto lhe serve, se todos estes meios são inúteis, retorquiu o sr. dr. Jayme Silva—quererá o sr. dr. João Cunha fazer uma revolução?

Francamente, dizemos agora nós, não acreditamos que o sr. João Cunha queira fazer uma revolução para obrigar os governantes a expulsar de Portugal os congreganistas. Desde que affirmou que as manifestações hostis á reacção seriam reprimidas—já houve sangue—pela força armada; desde que assegurou a sua incredulidade a respeito da efficacia de todos os meios de propaganda pacifica, e prophetizou que nenhuma utilidade adviria á causa liberal do uso em sentido contrario dos mesmos meios de que o jesuitismo se serve para estabelecer e consolidar a sua tyrannia; a conclusão a tirar das suas palavras é que cada um se metta em casa e deixe correr os marfins. Deixar correr os marfins, n'este caso, é deixar manobrar á vontade a reacção. E ali está o que nos faz parecer que a reacção falou pela bocca do sr. dr. João Cunha. Mas não é tudo. O scepticismo do sr. Cunha e Costa está de braço dado com o *esquecimento*, pois só assim se explica a affirmativa que fez de que Aveiro acordara tarde da sua apathia para formular um protesto que não tinha senão em vista o poder dizer-se que Aveiro tambem tinha fallado. Aveiro não acordou tarde, replicou e muito bem o sr. Manuel Moreira, Aveiro falou, e bem alto, ha 13 annos levantando e vencendo a celebre questão das irmãs da caridade, n'uma época em que ninguém ainda sonhava com a questão clerical.

Tambem o sr. Silverio de Maga-

tu para o fazeres? perguntou Ivanhoé com impaciencia.

—De oito dias, se seguireis com paciencia as minhas prescripções, replicou Rebecca.

—Pela Santa Virgem! exclamou Wilfredo,—se não é peccado proferir aqui o seu nome, não é tempo agora de eu ou qualquer bom cavalleiro estar deitado; e se tu cumprires a tua promessa, donzella, pagar-te-hei com o meu cappelote cheio de corças, assim que as tiver.

—Cumpril-a-hei, disse Rebecca, e tu poderás envergar a tua armadura dentro de oito dias a contar d'hoje, se me garantes outra recompensa em logar do dinheiro que me promettes.

—Sendo coisa que esteja em meu poder, replicou Ivanhoé, e que um cavalleiro christão possa

lhes queria que lhe dissessem onde estavam em Aveiro os estabelecimentos jesuiticos. Pediu-lhe o sr. Mario Duarte que accendesse a lanterna de Diógenes para não esbarrar na porta.

Antes, porém, do sr. Magalhães falar, usára da palavra o sr. dr. Alvaro de Moura para fazer uma proposta que foi accete com manifesto entusiasmo. Disse s. ex.<sup>a</sup> que era dever da assembleia não se dissolver sem approvarem uma mensagem de felicitação ao unico homem que sózinho, na imprensa local, e por fórma ale vantada e com justiça admirada em todo o paiz, tem tratado a questão clerical atacando-a nos seus verdadeiros fundamentos: esse homem de que Aveiro se deve ufamar de serberço, é o redactor do *Povo de Aveiro*, a quem elle, orador, intendia que a Junta devia confiar grande parte da direcção do movimento liberal a que vae dar inicio.

Uma estrondosa ovação acolheu a proposta de s. ex.<sup>a</sup> que foi entusiasticamente approvada.

Falou depois o sr. dr. Jayme Silve que declarou que a proposta do sr. dr. Alvaro estava perfectamente no seu animo e que a ella se associava com toda a sinceridade; mas era tambem vontade sua que a assembleia manifestasse alli, bem alto, a sympathia que vota a um liberal convicto e digno, a um filho tambem d'Aveiro, sempre prompto a auxiliar com a sua dedicacção e intelligencia tudo o que fór para bem da sua terra, tudo o que fór em prol da liberdade:—esse homem era o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas, alli presente.

Foi vibrante a ovação que cobriu as palavras do sr. dr. Jayme Silva.

Mello Freitas, que estava sentado n'uma cadeira da plateia, levantou-se commovido. As aclamações redobram. Quer falar, mas a commoção embargalhe a voz. Sereando, porém, arrebatado n'um improviso energico novos applausos á assembleia. A proposta do sr. dr. Alvaro merece as suas sympathias, porque é de facto notavel a persistencia, a energia com que o redactor do *Povo de Aveiro* vem combatendo, só em campo na imprensa local, a questão que traz alvoracado o espirito liberal. Essa persistencia aponta-a elle como um exemplo a seguir por todos os que não tiverem medo de ser francamente liberaes, porque, como disse, hoje, para muita gente, ser liberal é quasi um crime, tal é o estado desgraçado a que se chegou n'este paiz.

Seriam 10 horas, quando a reunião terminou, dispersando todos na melhor ordem, e ficando a Junta constituida como acima se disse.

Pela firma visconde da Silva Mello, Successores, foi-nos enviada a seguinte circular:

Tomamos a liberdade de participar a v. que por escriptura realisada em 17 do corrente, mez nas notas do notario Duarte Silva, de Aveiro, tomámos a nosso cargo o Deposito de

conceder a uma pessoa da tua raça, garanto-te que a farei com todo o prazer e reconhecimento.

—Pois bem, disse Rebecca, é rogar-te que para o futuro acredites que um judeu pôde prestar um bom serviço a um christão sem desejar outro premio além da benção do Pae Supremo, que os creou a ambos, o judeu e o gentio.

—Seria um peccado duvidar d'isso, donzella; e eu fico desancando no teu saber, sem escrupulo ou duvida alguma, inteiramente confiado em que dentro de oito dias estarei capaz de envergar o meu cossolete. E agora, meu bondoso medico, permite-me que te peça noticias lá de fóra. O que foi feito do nobre Cedric o Saxão e da sua gente? o que foi feito da amavel lady... —interrompeu-se como se sentisse repugnancia em pronun-

Tabacos, Agencia de Bancos, Companhias de Seguros e todos os demais negocios de que nosso fallecido irmão e chefe, visconde da Silva Mello, era agente n'esta cidade, e que desde esta data continuará sob a firma—*Visconde da Silva Mello*, Successores e conforme a referida escriptura farão uso da firma os socios Carlos e David da Silva Mello Guimarães.

No impedimento usa a firma social o socio commanditario João Campos da Silva Salgueiro, conforme nossa auctorização.

Agradecendo todos os favores dispensados ao finado e bem assim os que possam dispensar-nos, queira tomar nota das assignaturas da nova firma.

Aveiro, 17 de maio de 1901.

De v., etc.

David da Silva Mello, Guimarães, Carlos da Silva Mello, Guimarães, Antonio Carlos da Silva Mello, Guimarães, Luiz da Silva Mello, Guimarães, João Campos da Silva Salgueiro.

## PUBLICAÇÕES

### As Convulsões da Patria

POR

José d'Arruella

Sob este titulo acaba o sr. José d'Arruella de publicar um poemeto que offerece ca todos aquelles que põem os principios da liberdade, da razão e do patriotismo, acima das pedras das calçadas e das arruças dos desvaitados.

A fórma litteraria do opusculo revela uma tal ou qual influencia da *Patria* de Guerra Junqueiro. A verdade, porém, é que o sr. Arruella está longe de atingir a fórma esthetica que o poeta da *Velhice do Padre Eterno* imprimiu aos seus versos. Mas isto não quer dizer que o poemeto do sr. Arruella seja uma producção sem merito litterario algum. Tem merecimento, não obstante os defeitos que a critica lhe possa encontrar, sem necessidade d'uma analyse profunda. E é pena que o auctor não tivesse tido um pouco mais de cuidado, porque vê-se que não é destituído de vocação litteraria.

A edição é, como todas as que saem da casa França Amado, de Coimbra, uma edição cuidada.

Em Aveiro vende-se na livraria Mello Guimarães. O seu preço é de 200 réis.

Da benemerita livraria Chardron, do Porto, e da benemerita casa editora França Amado, de Coimbra, recebemos dois livros a que não nos podemos hoje referir por falta d'espaço.

Referir-nos-hemos no proximo numero.

Mas desde já agradecemos.

## "O NORTE,"

Em Aveiro vende-se no kiosque Central.

ciar o nome de Rowena em casa de um judeu,—quero dizer, d'aquella que foi nomeada rainha do torneio?

—E que vós escolhestes para desempenhar essa dignidade, *sir* cavalleiro, com um discernimento que foi tão admirado como o vosso valor, disse Rebecca.

A perda de sangue soffrida por Ivanhoé não impediu que um leve rubor lhe subisse ás faces ao sentir que denunciara imprudentemente, pelos esforços com que quizera occultal-o, o vivo interesse que lhe inspirava *lady* Rowena.

(Continua.)

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALRINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o **MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio **café cru de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado**, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça da Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros amazeas do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços razoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de alubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa de freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, cloroeto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

**RUA DO CAES**

**AVEIRO**

**NOVA ALQUILARIA**

DE

**MAUEL PICADO & PEREIRA**

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluger, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

É mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

**AVEIRO**

**75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79**

### POVO DE AVEIRO

Carimbos de lorracha



**OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURAVEIS**

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guarda-soes e candieiros, de

**M. J. Soares dos Reis**

**19—R. dos Mercadores—23**

**AVEIRO**

### SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

### QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

**300 rs. cada volume 300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

### POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

### ALMANACH HACHETTE

**PARA 1901**

Já se acha á venda na livraria Mello Guimarães, d'esta cidade.

### GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

### Os Mystérios da Inquisição

POR

**F. GOMES DA SILVA**

Obra illustrada a cores por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadela-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes:* Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

### ATELIER DE ALFAETERIA

DE

**Joaquim Ferreira Martins** (O GAFANHAO)

**R. da Costeira—AVEIRO**

**ESTE** antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



## BRAZIL, PARÁ E MANAUS

**Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil**

Passagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

### AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

*Abel Paulo & Pereira.*

**82—Praça da Batalha—PORTO.**

(Em frente ao governo civil)

### ARMAZENS

DA

## BEIRA-MAR

DE

**MANUEL CONÇALVES MOREIRA**

**PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22**

**R. DOS MERCADORES, 1 A 5**

### AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

### Preços fixos

### VENDAS SO A DINHEIRO

## CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharías, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flóres artificiaes e coróas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

**N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.**

### SAPATARIA AVEIRENSE

DE

## Marques d'Almeida & Irmão

**AOS BALCÕES**

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

### OFFICINA DE CALÇADO

DE

**João Pedro Ferreira**

**AOS BALCOES—AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado o que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.